

O BECO DAS ILUSÕES PERDIDAS

William Lindsay Gresham



O clássico da
literatura
norte-americana
que deu origem
ao filme de
Guillermo del
Toro

Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

O BECO DAS ★ ILUSÕES ★ PERDIDAS

William Lindsay Gresham



Planeta

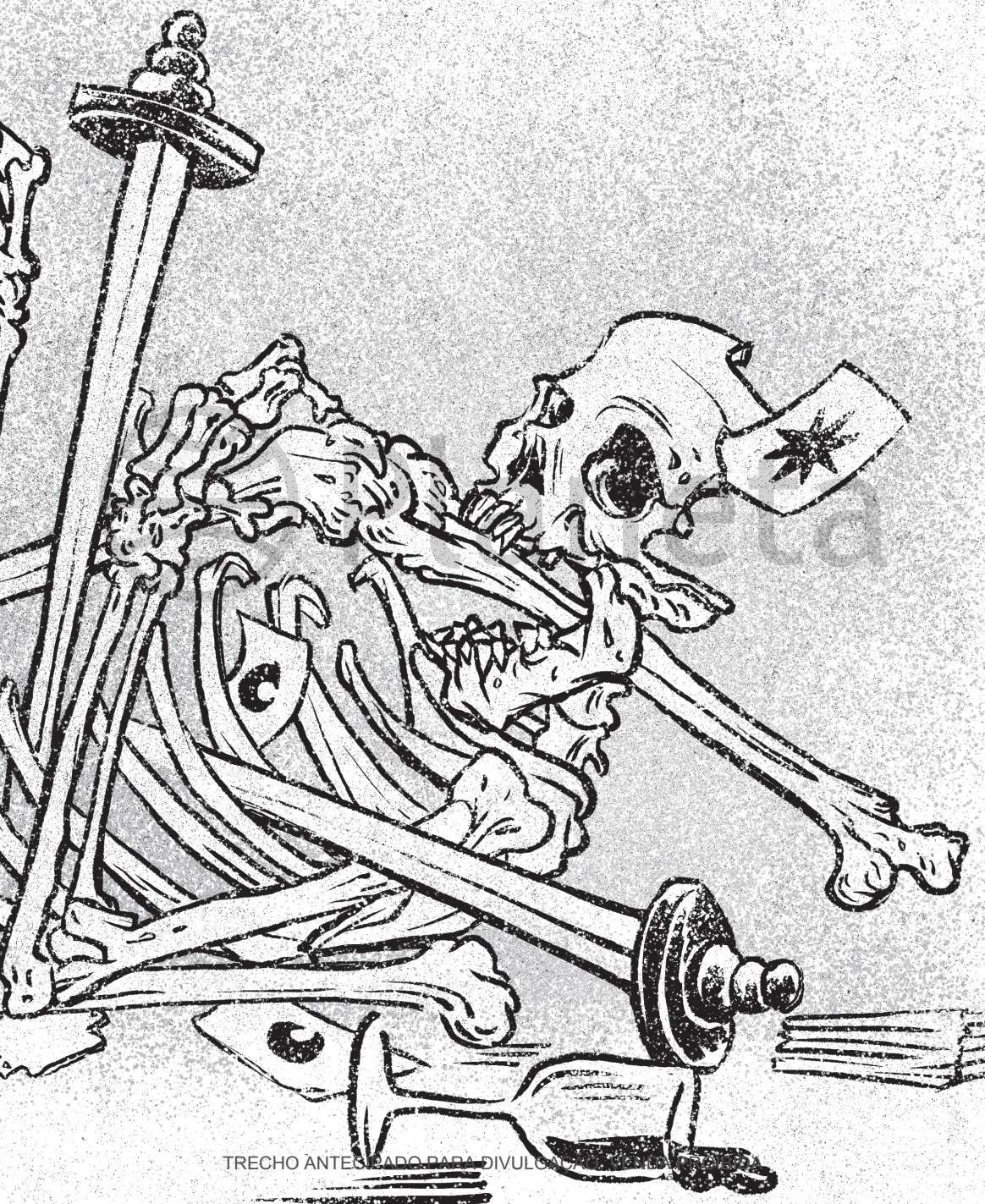
Tradução

Flávia Souto Maior



Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO

Copyright © William Lindsay Gresham, 1946
Copyright renewal © Renne Gresham, 1974. Em acordo com o proprietário.
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2021
Copyright © Flávia Souto Maior
Todos os direitos reservados.
Título original: *Nightmare Alley*

Preparação: Andréa Bruno

Revisão: Fernanda Guerriero Antunes e Laura Folgueira

Diagramação: Nine Editorial

Ilustrações de miolo: páginas 2-3, 7, 16 e 304: Amanda Miranda;
demais páginas: Wonder-studio/Shutterstock

Capa e ilustrações de capa: Amanda Miranda

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Gresham, William Lindsay - 1909-1962
O beco das ilusões perdidas / William Lindsay Gresham; tradução de Flávia Souto
Maior. – São Paulo: Planeta, 2021.
304 p.

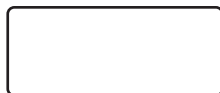
ISBN 978-65-5535-522-2
Título original: *Nightmare Alley*

1. Ficção norte-americana 2. Artistas de circo – Ficção 2. Médium – Ficção I. Título II.
Maior, Flávia Souto

21-3705

CDD 813.6

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção norte-americana



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2021

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.
Rua Bela Cintra, 986, 4ª andar – Consolação
São Paulo – SP – 01415-002
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

Acreditamos nos livros

Este livro foi composto em Dante
MT Std e impresso pela Gráfica
Santa Marta para a Editora Planeta
do Brasil em outubro de 2021.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 7

CARTA I

● LOUCO 19

CARTA II

● MAGO 25

CARTA III

A SACERDOTISA 44

CARTA IV

● MUNDO 64

CARTA V

A IMPERATRIZ 101

CARTA VI

● JULGAMENTO 108

CARTA VII

● IMPERADOR 124

CARTA VIII

● SOL 136

CARTA IX

● SACERDOTE 150

CARTA X

A LUA 162

CARTA XI

OS ENAMORADOS 175

CARTA XII

A ESTRELA 188

CARTA XIII

O CARRO 205

CARTA XIV

A TORRE 234

CARTA XV

A JUSTIÇA 254

CARTA XVI

O DIABO 261

CARTA XVII

O EREMITA 264

CARTA XVIII

A TEMPERANÇA 271

CARTA XIX

A RODA DA FORTUNA 273

CARTA XX

A MORTE 283

CARTA XXI

A FORÇA 288

CARTA XXII

O ENFORCADO 297



CARTA I

O LOUCO

*Caminha com trajes coloridos,
de olhos fechados, à beira de um
precipício no fim do mundo.*

STAN CARLISLE AFASTOU-SE DA ENTRADA DO CERCADO DE LONA, SOB A LUZ forte de uma única lâmpada, e observou o selvagem.

Era um homem magro que usava uma espécie de macacão de corpo inteiro tingido de um tom achocolatado. A peruca, preta, parecia um esfregão, e a maquiagem marrom no rosto macilento, escorrida e borrada pelo calor, tinha sido espalhada ao redor da boca.

Naquele momento, o selvagem estava apoiado na parede da jaula, enquanto ao seu redor havia algumas – bem poucas – cobras levemente enroladas, sentindo a noite quente de verão, morosamente incomodadas pela luz. Uma pequena e delgada cobra-de-leite tentava subir pela parede do cercado e caía para trás.

Stan gostava de cobras. A repulsa que sentia era por elas estarem confinadas com tal espécime de homem. Do lado de fora, o apresentador ia chegando ao clímax. Stan virou a bela cabeça loira na direção da entrada.

— ... De onde ele veio? Só Deus sabe. Foi encontrado em uma ilha deserta a oitocentos quilômetros da costa da Flórida. Meus amigos,

nesse cercado, vocês verão um dos mistérios inexplicados do universo. Um homem ou uma fera? Vocês o verão vivendo em seu hábitat natural entre os répteis mais peçonhentos do mundo. Ora, ele acaricia aquelas serpentes como uma mãe acariciaria seu bebê. Ele não come, não bebe, mas vive inteiramente sobre a face da Terra. E vamos alimentá-lo mais uma vez! Será feita uma pequena cobrança adicional para essa atração, mas não é um dólar, não são vinte e cinco centavos... Apenas uma moedinha pequena e fria de dez centavos ou duas de cinco, um décimo de dólar. Corram, corram, corram!

Stan foi para trás do cercado de lona.

O selvagem remexeu sob um saco de aniagem e encontrou algo. Ouviu-se o som de uma rolha sendo retirada e de alguns goles curtos e rápidos e um suspiro.

Os “alvos” chegaram – jovens com chapéus de palha e casacos sobre o braço; aqui e ali, uma mulher gorda com olhos maliciosos. *Por que esse tipo sempre tem olhos maliciosos?*, Stan se perguntou. A mulher esquelética com a garotinha anêmica a quem prometera que veria tudo o que estava sendo exibido. O bêbado. Era como um caleidoscópio – o desenho sempre mudando, as partículas sempre as mesmas.

Clem Hoately, dono e apresentador do show de variedades, abriu caminho em meio à multidão. Tirou uma garrafa de água do bolso, tomou um gole para molhar a garganta e cuspiu no chão. Então subiu no degrau. De repente, sua voz tornou-se grave e coloquial e pareceu acalmar o público.

— Pessoal, peço que se lembrem de que essa apresentação está sendo feita visando apenas aos interesses da ciência e da educação. Essa criatura que estão vendo diante de seus olhos...

Uma mulher olhou para baixo e, pela primeira vez, avistou a pequena cobra-de-leite, ainda tentando escalar freneticamente para sair do buraco. Ela sibilou ao puxar o ar entre os dentes.

— ... essa criatura foi examinada pelos principais cientistas da Europa e dos Estados Unidos e considerada um homem. Quer dizer, ele tem dois braços, duas pernas, uma cabeça e um corpo, como um homem. Mas, dentro da cabeça cheia de cabelos, está o cérebro de uma fera. Veem como ele se sente mais à vontade com répteis da selva do que com a espécie humana?

O selvagem havia apanhado uma cobra preta, segurando bem atrás de sua cabeça para que ela não pudesse atacá-lo, e a balançava nos braços como um bebê, murmurando sons.

O apresentador esperou enquanto a multidão observava, boquiaberta.

— Vocês podem estar se perguntando como ele convive com serpentes venenosas sem se ferir. Ora, meus amigos, o veneno não tem efeito nenhum sobre ele. Mas, se ele resolvesse fincar os dentes na minha mão, nada neste mundo sagrado poderia me salvar.

O selvagem rosnou, piscando estupidamente para a luz da lâmpada pendurada. Stan notou, em um canto da boca dele, o leve brilho de um dente de ouro.

— Entretanto, senhoras e senhores, quando eu disse que essa criatura era mais fera que homem, não estava pedindo que acreditassem apenas em minha palavra. Stan... — Ele se virou para o jovem, cujos brilhantes olhos azuis não guardavam nenhum traço de revelação. — Stan, vamos alimentá-lo mais uma vez apenas para esse público. Me passe a cesta.

Stanton Carlisle se abaixou, pegou uma pequena cesta de mercado coberta e a jogou sobre a cabeça das pessoas na multidão. Todos se afastaram, apertando-se e empurrando-se. Clem Hoately, o apresentador, soltou um riso cansado.

— Está tudo bem, pessoal. Nada que já não tenham visto antes. Não, imagino que todos saibam o que é isso. — Da cesta, ele tirou uma galinha da raça legorne, não totalmente crescida, que resmungava. Então, levantou-a para que todos a pudessem ver. Com uma das mãos, pediu silêncio.

Os pescoços se inclinaram para baixo.

O selvagem havia avançado de quatro, boquiaberto, sem expressão. De repente, o apresentador jogou a franga no buraco, provocando uma revoadada de penas.

O selvagem se aproximou dela, balançando a peruca de algodão preto que parecia um esfregão. Tentou agarrar a ave, mas ela abriu as asas curtas em um furor de sobrevivência e se esquivou. Ele rastejou atrás dela.

Pela primeira vez, o rosto pintado do selvagem mostrou alguma vida. Os olhos injetados de sangue estavam quase fechados. Stan viu seus lábios formarem palavras sem som. As palavras eram:

— Seu filho da puta.

Devagar, o jovem desvencilhou-se da multidão tensa que olhava para baixo. Caminhou com formalidade ao redor da entrada com as mãos no bolso.

Do buraco ouviu-se um cacarejo apavorado e a multidão perdeu o fôlego. O bêbado batia o chapéu de palha imundo nas grades.

— Pega lá a galinha, rapaz! Vai, pega lá a galinha!

Então uma mulher gritou e começou a pular para cima e para baixo em movimentos espasmódicos. A multidão murmurava coisas ininteligíveis, pressionando-se fortemente junto às paredes de tábua do buraco e esticando-se. O cacarejo foi interrompido e ouviu-se um bater de dentes e um grunhido de alguém fazendo esforço.

Stan enfiou as mãos mais fundo nos bolsos. Passou pela fenda que servia de entrada para o palco principal do show de variedades, atravessou até o portão e, do centro, ficou olhando para o parque itinerante. Quando tirou as mãos do bolso, uma delas segurava uma moeda brilhante de cinquenta centavos. Tentou alcançá-la com a outra mão, mas ela desapareceu. Então, com um sorriso interno, secreto, de desdém e triunfo, Tateou o forro das calças brancas de flanela e tirou a moeda.

Contrastando com a noite de verão, as luzes da roda-gigante piscavam com a euforia de diamantes falsos, e o sopro do calíope soava como se os tubos de vapor estivessem cansados.

— Deus do céu, está quente, não está, garoto?

Clem Hoately, o apresentador, estava ao lado de Stan e secava o suor da faixa do chapéu-panamá com um lenço.

— Ei, Stan, corra até a barraca de sucos e me traga um refresco de limão. Aqui tem dez centavos. Compre um para você também.

Quando Stan voltou com as garrafas geladas, Hoately ergueu a sua em um gesto de agradecimento.

— Nossa, minha garganta está seca feito areia do deserto.

Stan tomava o refresco lentamente.

— Sr. Hoately?

— Quê?

— Como se faz para um homem virar um selvagem? Ou esse é o único? Quero dizer... o cara já nasce daquele jeito? Gostando de arrancar a cabeça de galinhas a dentadas?

Clem fechou um dos olhos devagar.

— Deixe-me dizer uma coisa, rapaz. No parque, você não pergunta nada. Assim ninguém te conta nenhuma mentira.

— Certo. Mas o senhor simplesmente encontrou esse sujeito... fazendo... fazendo isso atrás de algum celeiro e bolou a apresentação?

Clem puxou o chapéu para trás.

— Gosto de você, rapaz. Gosto muito. E só por isso vou te fazer um agrado. *Não* vou te dar um pé na bunda, entendeu? Esse é o agrado.

Stan sorriu, sem tirar nem por um instante os vivos olhos azuis do rosto do homem mais velho. De repente, Hoately abaixou a voz.

— Só porque sou seu amigo, não vou te enganar. Você quer saber de onde saem os selvagens. Bem, ouça... não é algo que se acha. É algo que se *cria*.

Ele esperou o jovem absorver a ideia, mas Stanton Carlisle não moveu um músculo.

— Certo. Mas como?

Hoately pegou o jovem pela frente da camisa e o puxou para mais perto.

— Ouça, rapaz. Eu vou ter que desenhar? Você pega um cara e ele não é um selvagem... é um bêbado. Um pau-d'água inveterado. Daí você diz o seguinte: "Tenho um trabalhinho para você. É um trabalho temporário. Temos que arrumar um novo selvagem. Então, até conseguirmos, você veste a fantasia de selvagem e finge. Você não precisa fazer nada. Vai ter uma lâmina de navalha na mão e, quando pegar a galinha, basta fazer um corte com a lâmina e fingir que está bebendo o sangue. A mesma coisa com ratos. Os alvos não vão saber a diferença.

Hoately passou os olhos pelo centro do parque, avaliando a multidão. Então se virou novamente para Stan.

— Bem, ele faz isso por uma semana e você não deixa faltar a bebida e um lugar para ele dormir até curar a bebedeira. Ele até gosta. Acha que é o paraíso. Então, depois de uma semana, você vai e fala para ele o seguinte, você diz: "Bem, preciso arrumar um selvagem de verdade. Você já pode ir". Ele se assusta com isso, porque nada assusta mais um verdadeiro bebedeira do que a possibilidade de não molhar o bico e sentir os horrores da abstinência. Ele diz: "Qual é o problema? Não estou fazendo direito?". Daí você responde: "Está uma porcaria. Você não

consegue atrair nenhuma multidão fingindo ser um selvagem. Devolva a fantasia. Já deu”. E sai andando. Ele vem seguindo você, implorando por outra chance, e você diz: “Está bem. Mas só mais esta noite e depois você vai embora”. Mas você entrega a bebida a ele. À noite, você arrasta o sermão e dá uma boa exagerada. O tempo todo que você está falando, ele está pensando em ficar sem a bebida e começar a sentir os tremores. Enquanto está falando, você dá a ele tempo para pensar. Então joga a galinha. E assim ele se transforma em um selvagem.

A multidão estava saindo da apresentação do selvagem, todos pálidos, apáticos e calados, à exceção do bêbado. Stan os observava com um sorriso estranho, doce e distante no rosto. Era o sorriso de um prisioneiro que havia encontrado uma serrinha dentro de uma torta.

